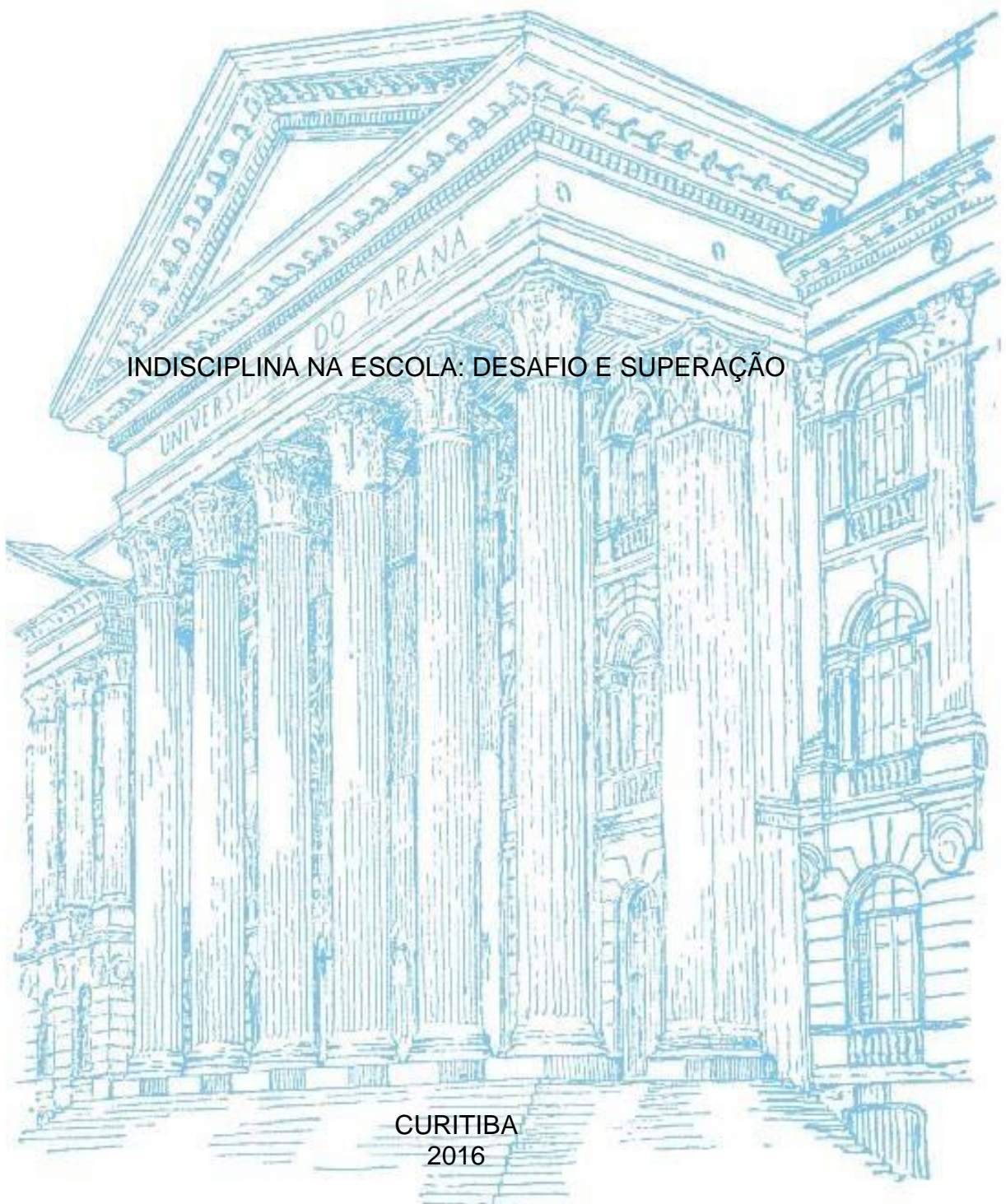


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ROSANGELA APARECIDA CRIGER

INDISCIPLINA NA ESCOLA: DESAFIO E SUPERAÇÃO



CURITIBA  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

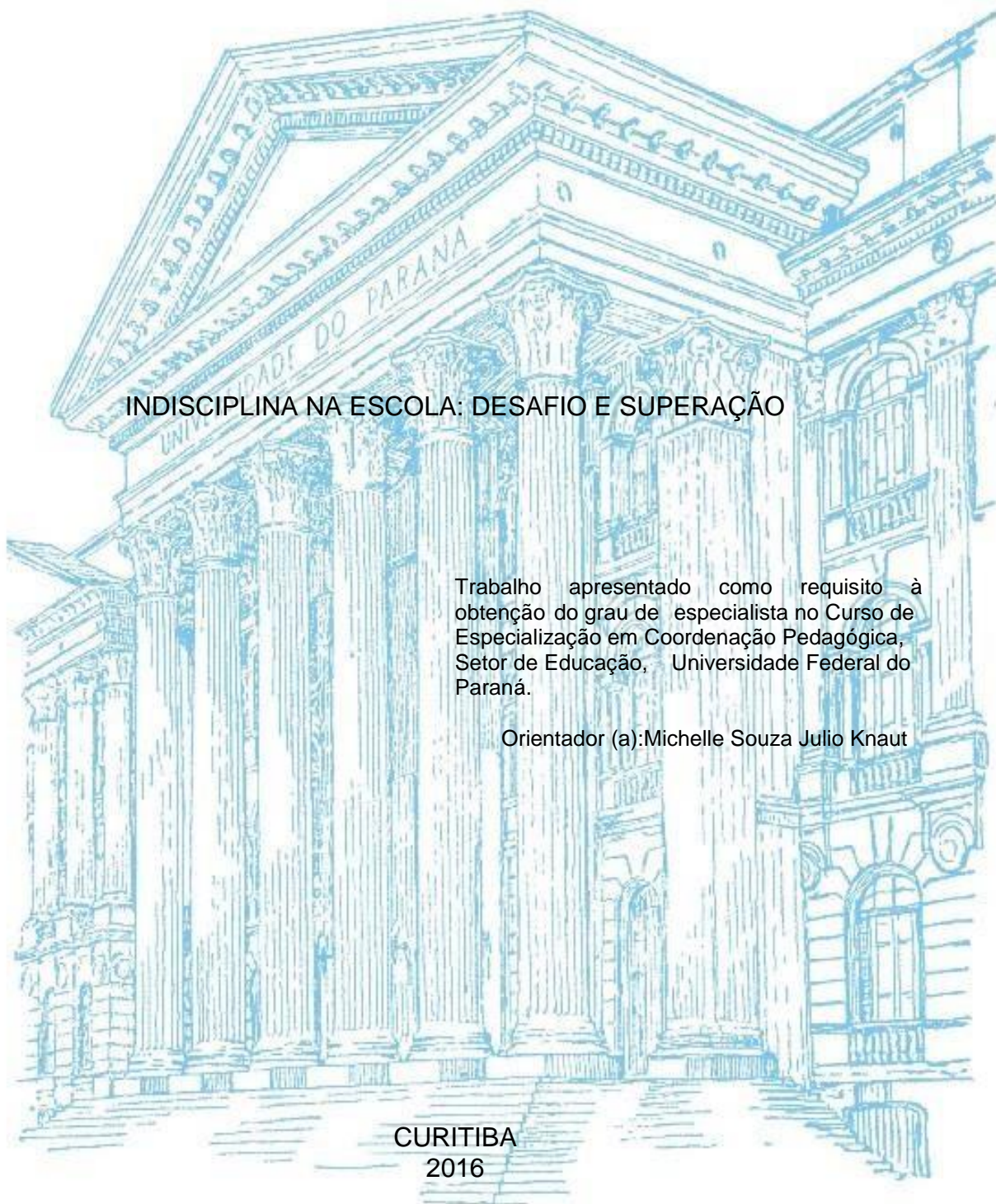
ROSANGELA APARECIDA CRIGER

INDISCIPLINA NA ESCOLA: DESAFIO E SUPERAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Michelle Souza Julio Knaut

CURITIBA  
2016



## INDISCIPLINA NA ESCOLA: DESAFIO E SUPERAÇÃO

CRIGER<sup>1</sup>, ROSANGELA APARECIDA

### RESUMO

Neste artigo abordaremos a questão da indisciplina no cotidiano escolar com o objetivo de analisar as principais causas que levam o aluno ser indisciplinado, á falta de motivação, de interesse pelos assuntos acadêmicos, metodologias inadequadas, relação conturbada professor/aluno, desrespeito referente a normas de condutas e a falta de limites. Baseado em observação entrevista e estudo bibliográfico procura elucidar o que é indisciplina , na sequencia destaca algumas sugestões para o professor repensar sua pratica e formar o aluno autônomo e critico, buscando para isso ajuda e intervenção dos pais , para juntos família e escola superar esse desafio.

**Palavras-chave:** Disciplina – indisciplina – comportamento indisciplinado – escola – família.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pelo aluno Rosangela Aparecida Criger do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Michelle Souza Julio Knaut. E-mail: rosangelacrigerap@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a indisciplina escolar, que se constitui em um tema complexo, antigo e ao mesmo tempo atual, devido as suas múltiplas maneiras de se manifestar em diferentes realidades, especialmente na escola.

Na atualidade, a indisciplina é percebida como um fato corriqueiro nas salas de aula, a bagunça, a falta de limites, a falta de interesse ou compromisso podem ser considerados como comportamentos inconvenientes, que geram situações improprias não permitindo à escola aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem.

Compartilhando dessa ideia Amado (2001) sugere que a indisciplina tem relação com diferentes fatores:

Fatores de ordem social e políticos: interesses, valores e vivências de classe divergentes e opostas, racismo, xenofobia, desemprego, pobreza. Fatores de ordem familiar: valores familiares diferentes dos valores da escola, desfuncionamento do agregado familiar, demissão da função socializadora. Fatores institucionais formais: espaços, horários, currículo, e ethos desajustados aos interesses e ritmos dos alunos. Fatores institucionais informais: interação e lideranças no interior do grupo turma que criam um clima de conflito e de oposição aos interesses da escola e de certos professores. Fatores pedagógicos: métodos e competências de ensino regras e inconsistência na sua aplicação, estilos de relação desadequados. Fator pessoal do professor: valores, crenças, estilo de autoridade, expectativas negativas relativamente aos alunos. Fatores pessoais do aluno: interesse, adaptação, desenvolvimento cognitivo e moral, hábitos de trabalho, historiam de vida e carreira acadêmica, autoconceito, idade, sexo, problemas patogênicos (AMADO, 2001, P. 42).

Os professores convivem diariamente com um enorme desafio, uma vez que precisam que os alunos permaneçam na escola apreendendo os conceitos de maneira a transpô-los à prática e, simultaneamente gerir as situações de indisciplina que acontecem no decorrer da aula.

Levando em conta esse desafio, é de suma importância estudar o tema, principalmente porque a indisciplina esta presente em todas as escolas, tanto nas públicas quanto nas privadas e a maioria das ações praticadas pelos professores como conversar com o aluno, chamar atenção, gritar com o aluno, colocar o aluno para fora da sala, encaminhar para a equipe pedagógica e solicitar a presença do pais, mostram-se inadequadas ou insuficientes, para minimizar o problema, beneficiando todos os envolvidos.

Mostra-se necessário aprofundar os estudos sobre o tema, investigando e conceituando o que é a indisciplina, o que o professor considera comportamento indisciplinado, quais as causas de tais comportamentos, e quais os possíveis encaminhamentos para a elaboração de uma proposta de trabalho pedagógica que possa reduzir a indisciplina. Para tanto, apresentam-se como objetivos; ● Geral: - analisar por que a indisciplina ocorre em sala de aula e como amenizar suas consequências no processo de ensino e aprendizagem.

● Específicos:

- Analisar os malefícios que a indisciplina produz na sala de aula;
- Refletir sobre as causas que levam os alunos a tomarem-se indisciplinados na sala de aula;
- Propor atividades que os alunos aprendam a noção de limite e perceba a existência de direitos e deveres para todos.

Considerando a história da humanidade percebe-se que a busca pelo controle social é antiga. De acordo com Chauí, 2000, “desde a antiguidade até nossos dias, encontra-se os problemas da violência e da indisciplina e dos meios para evitá-las e controlá-las. Mas, também percebemos em muitos momentos o abuso do poder na busca do controle social ou da disciplina.” (CHAUI 2000, p. 336)

Lamentavelmente a ideia de poder e punição perduraram por décadas, até um tempo atrás castigos físicos eram comuns nas escolas como, por exemplo, fazer com que o aluno ajoelhasse em grãos ou a palmatória. (Aquino, 1996, p.34).

Conforme Aquino (AQUINO 1996, p.86), o cotidiano escolar do início do século espelhavam quartéis, onde o professor era o superior hierárquico com a função de modelar moralmente os alunos, semelhante a uma militarização, professor e alunos tinham papéis definidos. Os procedimentos de modificação de comportamento em sala de aula buscavam tornar os alunos dóceis e silenciosos.

Ademais, essa escola constituía-se em um espaço social pouco democrático, conforme Aquino (1996, p.88), a democratização do ensino se deu na década de 1970, e com a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se formou, os alunos são novos sujeitos históricos, mas ainda guardamos como modelo pedagógico a imagem daquele aluno submisso e obediente.

Segundo Aquino (1998), antes o respeito do aluno, inspirados nos moldes militares, era fruto de uma espécie de uma submissão e obediências cegas a um “superior” na hierarquia escolar. Hoje o respeito ao professor, não mais pode advir do medo da punição- assim como nos quartéis- mas na autoridade inerente ao papel do “profissional” docente. Em contraposição boa parte dos profissionais da educação ainda parece guardar ideias pedagógicas que preservam a imagem da escola de antigamente e desse professor repressor, castrador... O bom aluno é aquele calado, imóvel, obediente.

Perante o exposto, jamais queremos aquela escola, onde só existia lugar pra poucos, a democratização do ensino foi um enorme passo da educação brasileira, que jamais deve retroceder. Considerando as ideias de Aquino:

“À medida que a sociedade se democratiza e os instrumentos autoritários colocados por ela a serviço da escola vão sendo eliminados, a relação de obediência transparece, por que as relações de fato não estão baseadas no respeito e os sujeitos não se sentem mais obrigados a cumprir regras”. (Aquino, 1996, p.36).

Isto posto leva-nos a acreditar que muitas vezes, os alunos anseiam serem tratados com respeito, não sendo subestimados nem tão pouco criticados por suas especificidades ou por suas diferenças, do contrario suas angustias provavelmente serão refletidas através de atos indisciplinados.

Considerando o explicitado, faz-se necessário, também, entender o sentido do termo indisciplina. Buscando o significado da palavra indisciplina no dicionário de Língua Portuguesa encontramos as seguintes definições “todo ato ou dito contrário à disciplina que leva a desordem, à rebelião” ou “regime de ordem imposta ou livremente consentida que convenha ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.).” A partir desses conceitos, podemos definir indisciplina na escola como sendo o não cumprimento das leis, normas e regras estabelecidas. Então, ao se falar de indisciplina na escola refere-se ao desrespeito às regras estabelecidas.

Segundo Megiolaro (2004) “quando falamos de indisciplina na escola não estamos falando de cenas corriqueiras como a de um aluno que se levanta da carteira durante a aula, que masca chiclete ou, que usa boné em sala. Cenas facilmente consideradas por muitos como fruto de indisciplina. Estamos nos referindo, por exemplo, a alunos que “sentam” na mesa do (a) professor (a) e o (a) ignoram sistematicamente, que se dirigem a ele (a) verbalmente e, até, fisicamente de forma ofensiva, etc.

Estudando a indisciplina de uma perspectiva psicológica. Brevemente tomamos como base de análise, um autor clássico da psicologia, o suíço Jean Piaget.

Tal autor observa que “a essência de toda moralidade está no respeito que o indivíduo adquire pelas regras” (1932:9 apud, Aquino). Utilizamo-nos desse autor para estabelecer um parâmetro para discussão que aponta a existência de uma relação entre moralidade, disciplina e indisciplina. Nessa perspectiva moralidade e disciplina estão vinculadas as regras sociais e às formas com que os sujeitos se relacionam com elas. Jean Piaget (1932:9 apud, Aquino) procurou em suas obras, elucidar, como a consciência chega a respeitar as regras.

Como resultado de suas investigações Piaget (1932:9 apud, Aquino) chegou a um caminho psicogenético, ou uma seqüência no desenvolvimento infantil que ele vinculou ao desenvolvimento do juízo moral. Esse caminho, na relação das crianças com as regras, inicia-se com a fase da anomia, passando pela heteronomia, chegando à autonomia. Essas palavras têm o sufixo nomia, que vem do grego nomos, e significa “regras leis”. Assim, quando se fala de a-nomia, pela presença do prefixo a, referimo-nos a um período de ausência de regras, característico, por exemplo, do recém-nascido que não concebe as regras e não sabe o que pode e o que não pode ser feito. (Piaget, apud Aquino 1996,12).

Os prefixos hetero significam “vários”, e isso a compreensão da heteronomia como um período onde a criança já percebe a existência de das regras, mas com que a fonte, de onde emana a regra a ser respeitada, é variada. (Jean Piaget 1932:9 apud Aquino 1996).

Ela sabe, por exemplo, que existem atitudes que podem e que não podem ser realizadas, mas quem determina são os outros. Finalmente, têm-se a autonomia, o que significa que o sujeito sabe que existem regras para se viver em sociedade, e onde as regras tornam-se parte dele próprio, e são conscientemente articuladas bem como assimiladas.

Também devemos considerar que comportamentos indisciplinados são determinados por múltiplos e complexos fatores como os de ordem econômica, social, cultural e principalmente os relacionados à qualidade das atividades educacionais.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 CONCEITUANDO INDISCIPLINA

O conceito de indisciplina não é único tampouco consensual, pode ser caracterizado como um ato que leva o educando a desordem, desobediência, manifestando se em todo contexto cultural.

O termo “indisciplina” é relacionado intimamente ao conceito de “disciplina” e tende a ser definido pela negação ou privação desta, ou pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas. Indisciplina refere-se, por tanto, ao procedimento, ato ou dito, contrario à disciplina. Sendo assim, indisciplinado é aquele que se “insurge contra a disciplina; rebelde; que não tem disciplina.” (FERREIRA, 1999, p.1102). Entende-se, dessa forma, comportamento inadequado, ou indisciplinado, o que transgride ou ignora as normas estabelecidas. Tiba (2006, p.128) defende que:

“A disciplina é uma conduta de vida para alcançar melhores resultados com menos recursos e menos tempo evitar desgastes desnecessários e aumentar a qualidade existencial.”

### 2.2 Compreendendo a indisciplina escolar

O ambiente escolar é visto como um lugar ideal para a formação, por abranger diferentes dimensões do ser humano: psíquica, social, política e etc. Quando não é bem preparado por estas dimensões o educando que é formado por um conjunto de valores e expectativas diferenciadas, traz consigo para a sala de aula uma conduta desordenada como bagunça, tumulto, desrespeito para com o educador, falta de limites, maus comportamentos, isto é, o descumprimento das regras estabelecidas pelo professor.” A indisciplina seria indicio de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais nas famílias e desembocando nas relações escolares” (Aquino, 1996 , p. 48).

Estudos demonstram que todo esse problema, principia-se em um ser humano por uma provável carência familiar que é quando a criança não recebe a dosagem certa de afeto, carinho, compreensão e amor da família, ou seja, é rejeitado por ela, ou quando não tem orientação correta do pai ou da mãe na vida familiar, possibilitando

a criança, ser marcada pela revolta, agressão, que acaba por reproduzir o que presencia em casa na escola.

“A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiram propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto do ideário das diferentes teorias pedagógicas”.(Aquino, 1996, p. 40)

A escola, constantemente, tenta minimizar toda a situação de indisciplina com normas e regras pré-estabelecidas, sem considerar a opinião dos alunos, não colocando em discussão o porque das regras sem explicar as reais necessidades das mesmas.

### **2.3 ALGUMAS SITUAÇÕES QUE PODEM CAUSAR A INDISCIPLINA**

Muitos motivos podem levar o aluno a não se comportar de forma adequada na escola, falta de autoridade: o que se espera da escola é conhecimento, é isso que faz o aluno respeitar o ambiente a sua volta se a aula esta um tédio , ele vai procurar algo mais interessante para fazer regras impostas, que confundem-se convenções com regra moral ;didática inadequada onde o professor exige que os alunos cumpram as tarefas sem pensar em uma estratégia de ensino que facilite o desenvolvimento do tema.

Tiba (2006) relaciona alguns fatores que causam a indisciplina:distúrbios (perturbação da psique )ou transtornos (ligeira perturbação) dos alunos ; distúrbios relacionais entre professores e alunos : educativos ; entre os próprios colegas ;por influencia de amigos; distorções de auto estima; distúrbios de desmando de professores e método psico pedagógico. Além dos fatores citados existem também outros que contribuem para indisciplina como o uso de drogas e álcool e falta de participação da família na educação escolar do filho.

### **2.4 METODOLOGIA**

Optou-se pela pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, pois para estudar a indisciplina se faz necessário, relacionar teoria e prática.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza. [...]

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 2008, p.44-45)

Além da pesquisa bibliográfica, o estudo contou com pesquisa de campo.

Segundo Lakatos:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS, 2003, p. 186)

Essa pesquisa foi de cunho qualitativo, uma vez que a coleta dos dados aconteceu por meio de questionários para entender e compreender os fatos de determinado tema.

Foram aplicados 10 questionários para professores que atuam com alunos do 6º ano 9º ano.

### **3. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS**

Considerando que para atingir o objetivo da presente pesquisa, foram entregues 10 questionários para professores que atuam com alunos do 6º ao 9º anos e foram identificados como P1, P2, P3, P4, P6, P7, P8, P9 e P10, segue a análise:

Ao serem questionados sobre sua concepção de indisciplina os entrevistados P1, P2, P3, P4, P5 e P6 não definiram disciplina e sim elencaram atos de indisciplinados como; desatenção, inquietação ou desconcentração durante as aulas, não fazer as atividades escolares, sair da sala sem permissão, conversar muito durante as aulas, gritar na sala de aula, perturbar a atenção dos colegas, destruir a escola, riscar as paredes, xingar alunos e professores, agredir os colegas e o professor, falar palavrões em sala de aula, discutir com o professor, responder ao professor, desrespeitar professores e colegas, não seguir ou não cumprir regras.

Os professores P7 e P8 fizeram suas respostas muito semelhantes, definem indisciplina como: “tudo aquilo associado ao mau comportamento dos alunos em sala de aula”. Para eles o mau e o bom comportamento é referência de normas e padrões a serem seguidos para que ocorra o bom andamento das aulas.

Percebe-se que eles compreendem, pouco, o que é indisciplina, nesse sentido Rego (1996) destaca que, a maior parte das análises, além mostrar falta de clareza e consenso em relação ao termo indisciplina, expressa um discurso impregnado de dogmas e do senso comum.

Prevaleceu, através das falas dos professores, a descrição dos atos de indisciplina. Alguns autores também descrevem esses comportamentos indisciplinados, para Oliveira (2002) comportamentos indisciplinados incluem condutas e atitudes como agressão física (brigas e empurrões) e agressão verbal (xingamentos, ofensas e ameaças) entre os alunos, responder ao professor, faltar com o respeito, teimar, zombar, fazer gestos ofensivos, desobedecer às regras previamente estabelecidas, assobios, bagunça, não saber ouvir, falta de limites, rebeldia, agirem de má fé.

Os professores P9 e P10 definiram indisciplina como sendo: “tudo aquilo que é o oposto de disciplina”, sendo disciplina definida como: obediência às regras e acatamento de regras estabelecidas pela escola.

Essa noção de indisciplina é a mesma encontrada em Fortuna (2002, p.90).

A autora aponta a visão de indisciplina como o não cumprimento de regras e afirma: “é rebeldia contra qualquer regra construída; é desrespeito aos princípios de convivência aos combinados sem uma justificativa viável, criando transtornos e incapacidade de se organizar esse relacionar de acordo com as normas estabelecidas por um grupo”.

Dessa forma faz-se necessário, buscar, entender porque os alunos não querem obedecer às regras. Os atos indisciplinados citados pelos professores participantes da pesquisa podem ser explicados segundo Vasconcellos (1998), Oliveira (2005): os alunos podem desobedecer às regras porque estas não são discutidas e esclarecidas quanto as suas razões que as justificam e ou também por não aceitarem já que são impostas.

Estrela (1994) reforça que as regras são vistas como parte integrante do currículo exposto e oculto na escola que não raramente são impostas sem discussão

previa, com os alunos, do porquê de sua necessidade. No caso da escola na qual se realizou a pesquisa, confirma-se que as regras, muitas vezes, são impostas aos alunos sem serem discutidas entre o todo da escola.

As falas dos professores P9 e P10 completam-se com a concepção de Boarini (1998) que considera a disciplina- entendida como norma ou ordem – como imprescindível para o desenvolvimento de qualquer atividade, quer seja individual, quer em grupo. Entretanto, a autora faz uma ressalva que exigir o silêncio, a passividade e a obediência nem sempre contribui para a aprendizagem do aluno, já que podem impedir a criatividade.

O comportamento disciplinado pode não ser entendido como comportamento padronizado, rígido. Pelo contrário, a disciplina exclusivamente “regulamentadora” pode impedir a criatividade. Assim, por exemplo, as regras do futebol não só regulamentam, mas possibilitam o jogo. As regras e proibições no trânsito não só visam impedir o deslocamento de veículos, mas ajuda-los. Se por um lado, nenhuma norma for atendida e cada qual faz a sua maneira, seguramente, este é o caminho mais indicado para o caos. (BOARINI, 1998, p.11).

e o silêncio como condições para o ensino.

Os Nesse sentido o silêncio em sala de aula nem sempre quer dizer que o aluno esteja realmente estudando e, dessa forma, não garante o aprendizado. A disciplina na escola apresenta uma função educativa, pois possibilita o desenvolvimento das atividades escolares, com isso, é necessário certo regramento das ações durante as atividades de ensino, porém apenas o necessário ao seu desenvolvimento, o que não supõe a passividade entrevistados compartilham da ideia de que o respeito é primordial para que não ocorra a indisciplina. Com isso comportamento hostil dos alunos para com o docente, colegas e profissionais da escola foi o aspecto citado, que seria o maior responsável pela manutenção da indisciplina.

Além do comportamento hostil, também foi enfatizado a falta de interesse dos alunos pelas aulas; desatenção, inquietação ou desconcentração durante as aulas; não fazer as atividades escolares; sair da sala sem permissão; conversar muito durante as aulas; gritar em sala de aula; fazer bagunça e tumultuar a aula; movimentar-se muito em sala; perturbar a atenção dos colegas; desinteresse para com as aulas; destruir a escola; riscar a parede; ficar correndo do pátio escolar; xingar aluno e

professores; fazer ameaças aos professores; agredir os colegas e professores; falar palavrões em sala de aula; discutir com o professor; responder ao professor; falta de educação; desrespeitar professores e colegas; não seguir ou não cumprir regras.

Para Aquino (1996) a disciplina também pode estar relacionada a dois outros aspectos: aos alunos (falta de interesse, problemas emocionais, etc.), ao campo teórico (faltam de autoridade e domínio de sala, ausência de atividades significativas e interessantes e inexistências de uma boa relação pedagógica entre professor e aluno).

Todos os professores fizeram referencia a condutas que consideram indesejadas na escola: falta de educação, desrespeitos, descumprimento das regras, desatenção com o professor. Outros, ainda associaram indisciplina e violência nas relações interpessoais, seja entre professor/ aluno, seja entre aluno/aluno (agressão ameaça xingamento, uso de palavrões). Poucas foram as referencias aos atos contra o patrimônio físico da escola (depredação) ou as atividades extraclases (correr no pátio).

Em síntese as falas dos professores abordam dois aspectos percebidos como problema disciplinar umas relacionadas situações/ações que impedem e dificultam a realização das atividades de ensino, pois interferem na dinâmica da aula, na aprendizagem do aluno. Onde estão incluídos tantos as relações interpessoais como as relações didáticas (professor, aluno e conteúdos de ensino). O outro está relacionada à transgressão as normas de convívio social, ao respeito às regras e ao patrimônio da escola.

Conforme Vasconcellos (1998), os atos considerados indisciplinados na escola são uma forma do aluno comunicar que algo não vai bem. Assim por trás desses comportamentos existem problemas de alguma natureza, que podem ser psicológicas, familiar ou que se refere ao cotidiano da escola.

Ao serem questionados sobre o que é disciplina P1, P2, P7 e P10 a definiram como “Conjunto de regras de conduta que regem uma organização” e “Respeito e entendimento as regras definidas”.

Os demais afirmaram que disciplina: é “Não praticar atos de vandalismo, não desrespeitar funcionários, professores e colegas, não jogar bolinhas de papel” e “É quando regras são cumpridas” ou “é quando se respeita todos na escola e cumpre-se com as obrigações de aluno”.

Podemos notar que tradicionalmente a indisciplina é interpretada simplesmente como uma questão comportamental do aluno, diante da situação de aprendizagem enquanto outros aspectos importantes são negligenciados. Felizmente, nas últimas décadas, presenciamos importantes avanços em educação que superaram esta antiga concepção.

Em Garcia<sup>2</sup> (1999, p. 102, apud OLIVEIRA, 2004, p.43) encontramos a necessidade de uma nova interpretação sobre a indisciplina escolar que ultrapasse o conceito de “problema de comportamento” discente e contemple os diversos aspectos psicossociais envolvidos neste fenômeno: De um lado, é possível situá-la no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula.

Em complemento, deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar – com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc.

Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

Ao serem questionados sobre os fatores que causam indisciplina, os professores destacaram os sociais, familiares (como a família conduz a educação do filho, desestruturação familiar, falta de limites), psicológicos e atuação do professor.

Conforme Aquino (2003) o autor discrimina três tipos de fatores relacionados com a indisciplina: sociologizantes (fatores que dizem respeito à sociedade e a família, ou seja, que vem de fora do indivíduo) psicologizantes (referem-se ao indivíduo, ou seja, aquilo que o aluno trás consigo) e do campo pedagógico (referem-se à escola como todo, incluindo a atuação do professor e a sua estrutura).

Analisando a fala dos professores participantes dessa pesquisa, pode-se afirmar que todas as tipologias destacadas por Aquino foram contempladas pelos professores.

Machado (2007, p.39) “Crianças criada em um ambiente permissivo, ao entrar na escola que possui regras, com as quais não está habituada a viver, acaba sendo indisciplinado, ou seja, por não haver disciplina em casa, essa consequência reflete na escola”.

Quando uma criança aprende com os pais valores, limites ou regras, é mais fácil mostrar a ela as regras da escola e sua importância nesse contexto.

Nesse sentido La Taille (1996) afirma que as regras e os limites são imprescindíveis para uma boa educação, organização e para a disciplina e por isso é importante sua inserção na educação das crianças. Ou seja, as crianças precisam aderir regras e estas somente pode vir de seus educadores, pais ou professores que lhe mostraram os limites e a sua posição ocupada dentro de um espaço social que pode ser a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Acerca da ausência de limites dos alunos os professores expressam o que disse Silva (2004, p.103):

“a impressão é de que os alunos hoje não são nem ao menos heterônimos, mas encontram num nível anterior e rudimentar de desenvolvimento moral: o da anomia. Em outras palavras eles apresentam total desinteresse pelas regras que possibilitam o convívio, sem ter consciência dessa condição de desinteresse”.

Essa situação pode ser verificada na fala dos professores ao mencionarem que falta orientação dos pais no que diz respeito a moral, as regras.

Segundo Silva (2004) o meio social, a família não leva o aluno à reflexão e, conseqüentemente ao respeito por si e pelo outro, apesar de ter ferramentas cognitivas para isso. O aluno não tem limites morais suficientemente desenvolvidos ou que não os tem como centrais, agira sem levar em consideração outras pessoas como o professor e os seus colegas de sala de aula.

Com isso, a maioria de suas condutas será de conflito em relação à disciplina em vigor. Estabelece, além disso, um círculo vicioso: como não é disciplinado, dificilmente possibilitará a ocorrência do processo de ensino e de aprendizagem; não estar aprendendo o leva a cometer atos indisciplinados.

Ainda com relação à família os professores apontam para outro fator: a relação família/escola, ou seja, a falta de acompanhamento dos alunos pelos pais. Os entrevistados descrevem que a cada ano decresce o número de pais que acompanham o que acontece com seus filhos na escola.

A ausência do papel da família acaba por transferir para a escola a responsabilidade da educação geral. Segundo os entrevistados, quando os pais são chamados para discutir problemas que dizem respeito à indisciplina do filho, ou não vem ou vem e dizem não saber o que fazer, coloca nas mãos do professor.

Trata-se por tanto de uma transferência de papéis para os quais os professores não se sentem preparados para desempenhar a esse respeito um professor três assim se posicionou “Nós, professores não estamos preparados para educar os filhos, nós estamos preparados para direcionar a educação escolar e não a educação do lar. O professor veio para ensinar os conteúdos sistematizados, despertar os aluno para cidadania, para a pesquisa, pera descoberta, gostar de ler, por exemplo, e não ficar ensinando o aluno a sentar toda hora, de minuto em minuto”. A fala do professor confirma o que disse Aquino (2003, p.34):

“Mediante as intempéries do dia a dia escolar a potência da intervenção educativa encontra-se, muitas vezes, nublada por tarefas que nada tem a haver com aquilo para que o educador fosse habilitado. Mais ainda: numerosas são as ocasiões em que a singularidade da relação professor/aluno se vê ofuscada por demandas normativas estereotipadas e esvaziadas de sentido propriamente educativo.”

Diante dessa realidade, Aquino (2003) coloca que hoje é necessário ter em mente a um conflito histórico de fronteiras entre família e escola, cujas funções ora se intercalam, ora se sobrepõem. É preciso também que se tenha em mente que não pode haver uma continuidade necessária ou natural entre ambas às instituições que seus âmbitos de competência são distintos e seus raios de ação se quer são semelhantes “Essas duas instituições são vizinhas, mas são dispares em suas práticas” (Aquino, 2003, p.44).

Percebe-se que os professores sentem-se desorientados e não sabem mais quais atividades devem desempenhar nas instituições escolares. Com relação à participação pelos pais na educação escolar dos filhos Machado (2007) afirma que as famílias atuais diferem muito das gerações anteriores, a começar pelo fato de que, em sua maioria ambos os pais trabalham fora.

Esse é um dos avanços da sociedade moderna, que na maioria das vezes trás como consequência a falta de “educação” dos filhos.

Na visão da maioria dos professores entrevistados a família não esta assumindo seu papel e por isso, esta transferindo a responsabilidade da educação

geral para a escola está, na visão dos professores, não está preparada e não deve assumir mais esse compromisso. A escola é considerada pelos professores como local de ensinar, de sistematizar conhecimentos.

Para Aquino (1998), escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Entretanto, evidencia-se comumente, uma confusão na aplicação desses papéis. A principal função da família é transmissão de valores morais nas crianças. Já a escola cabe à missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social e moral. Outro fator destacado pelos professores como contribuinte da indisciplina escolar foi a influência da mídia.

Para todos os entrevistados diante da necessidade dos pais se ausentarem de casa para trabalhar, parte da educação dos filhos está sendo dada pela mídia, e os professores atribuem a influência da mídia o ensino do mau comportamento aos alunos.

Para eles a mídia influencia as crianças por que essas não tem discernimento para classificar, aceitar, ou rejeitar as informações recebidas. A muita violência nos desenhos, novelas, filmes e eles não tem formação suficiente para separar o que presta do que não presta.

A relação dos meios de comunicação com a indisciplina é tratada por Silva (2004) que, salienta:

“As crianças e adolescentes não são esponjas, ou seja, se eles que absorvem toda violência transmitida pelos meios de comunicação de massa. Eles são capazes de filtrar. O grande problema é que o meio social, isto é os pais e os educadores, não estão oferecendo situações potencialmente desequilibradoras a ponto de os pequenos conseguirem construir tais filtros, o quanto os constroem, eles são incompatíveis com o mundo civilizado.”

O autor diz que quando o pai não censura o acesso do filho a televisão e tão pouco explica por que está fazendo isso, ou quando o professor não excita o aluno a refletir sobre suas condutas violentas ou outros atos indisciplinados, quanto um quanto o outro estão contribuindo para a não construção desses filtros, isto é, não aprendem a distinguir, classificar o que é bom e o que não é para sua formação.

Outro aspecto citado pelos professores a falta de comprimento do regimento escolar. Conforme Aquino (2003, p.63) “O regimento escolar tem por objetivo a oficialização dos múltiplos direitos e deveres dos segmentos envolvidos em

determinada instituição escolar”, ou seja, neles estão fixados como deve ser a organização administrativa, didática, pedagógica, e disciplinar do estabelecimento de ensino a que se refere, já que este goza de autonomia para construção e execução de seu regime interno.

Conforme Aquino (2003) as normas disciplinares da escola constituem um mecanismo burocrático legítimo e é inevitável para o andamento escolar. No entanto, ele só terá resultados se o que foi estabelecido tiver uma parceria dos alunos, já que estes precisam estar cientes do que podem ou não fazer. Não adianta por-las somente no papel é preciso um maior comprometimento da escola e dos professores para fazer esse trabalho. “A disciplina escolar remete as pautas de convívios esboçadas a partir de rotinas das expectativas e dos valores característicos das relações escolares, os quais balizam o que fazemos e o que pensamos sobre o que fazemos no dia a dia” (Aquino, 2003, p.67).

Nesse sentido fica claro, que além do regimento o contrato pedagógico deve ser utilizado para conduzir a indisciplina já que este tem o objetivo de partilha de responsabilidades por decisões sobre rotinas e regras de convivência. Estabelecer um contrato pedagógico quer dizer organizar conjuntamente as rotinas de trabalho pedagógico e de convivência escolar sem que os mesmos sejam regras fixas, pois elas devem ser abertas a revisão, sendo preciso reformulá-las constantemente. Dois professores citaram que a indisciplina ocorre na escola por que não tem punição, não a cobrança por parte dos professores.

Outro fator citado pelos entrevistados é a perda da autonomia e da autoridade do professor, os mesmos mostraram indignação com a perda de autoridade e de prestígio do professor na atualidade.

Silva (2004, p.104) assinala que os professores tiveram que mudar sua postura:

“Antigamente o professor se colocava em uma espécie de pedestal (às vezes até concretamente) e cabia aos alunos irem ao seu encontro. O aluno tinha obrigação de entendê-lo e, com isso, pouco importava se ele – o professor – tivesse péssima didática, por exemplo, (isto não era nem se quer colocado em discussão). Hoje ao contrário, se tem clareza de que o professor deve descer do pedestal e ir ao encontro do aluno. Afinal, é ele que reúne – em condições para compreender o funcionamento do aluno e oferecer potenciais condições para o seu desenvolvimento.”

Segundo Vasconcellos (1998) a escola representava inquestionável caminho de acesso social e, dessa forma o professor era um de seus representantes mais

qualificados e como tal era tratado com muito respeito, era visto como autoridade e tinha autonomia na maioria de suas decisões. Como os tempos mudaram a mudança do papel do professor é imprescindível é preciso ir ao encontro do aluno sem perder a autoridade por meio de práticas que se renovem constantemente.

Conforme Vasconcellos (1998) essa perda de autoridade e autonomia também pode estar relacionada a atual situação das escolas brasileiras frente a constatação dos fracassos, elevadíssimos índices de reprovação e evasão escolar e os baixíssimos graus de aprendizagem dos alunos revelados nas testagens nacionais de conhecimentos mínimos. O dito acima leva-nos a desvalorização da escola dos alunos e da sociedade em geral. A escola não é mais vista como local capaz de dar a eles condições de enfrentar os desafios dos alunos, pois o diploma escolar não é mais visto como garantia de emprego.

A escola não tem acompanhado o avanço tecnológico e as mudanças da sociedade. Conforme Justo (2005), os alunos hoje preferem recorrer à internet e não mais aos livros. A organização da escola também não acompanhou as mudanças sociais. Conforme o autor, a escola, ainda tenta se organizar utilizando os modos tradicionais, entrando assim em choque com as subjetivações do novo alunado. “Os espaços psicossociais da escola constituídos a partir das salas, das turmas, das disciplinas, dos afazeres de ensino e aprendizagem, em fim, em toda a sua rotina são indenitários... São extremamente rígidos, fechados” (Justo, 2005, p.48).

Diante desse processo de perda, os professores se mostram desanimados, angustiados e temerosos em relação ao futuro, muitos acabam desistindo da profissão.

Além de ser um local de ensino dos conhecimentos elaborados pela humanidade, a escola tem assumido outras tarefas, tais como a educação familiar, posto de saúde, entre outros.

Justo (2005, p.36) assinala:

“Sobre ela recai hoje a responsabilidade da formação integral ou seja, encarregada da tarefa de cuidar do desenvolvimento da criança e dos adolescentes no plano cognitivo, emocional, afetivo, social, político e tantos outros tidos como necessário para formação do sujeito.”

Outro fator citado pelos professores como contribuinte da indisciplina foi inadequação das atividades educacionais ou seja as metodologias e conteúdos de

ensino, desmotivadoras ou desinteressantes. De acordo com o exposto pelos entrevistados, muitos professores permanecem utilizando métodos tradicionais e não estimulam os alunos a participação ativa nas aulas, faltam estímulos.

Nesse sentido Machado (2007) coloca que ao traçar um paralelo do aluno nos tempos passados com o da nova geração é possível verificar a diferença entre eles, em especial a concepção sócio histórica e cultural em que vive. O autor enfatiza que “continuar com a metodologia tradicional é um desrespeito para com eles e por tanto este modo de velos deve ser revisto” (Machado, 2007, p.38). Do ponto de vista de Machado indisciplina acontece por que infelizmente ainda existe escola e professores que ainda não se deram conta de que estão lidando com alunos questionadores, inteligentes, instigadores, que conversam entre si, que tem toda essa tecnologia em mãos. Sendo assim, diante de praticas desmotivadoras é inevitável a incoerência da indisciplina.

Os professores precisam mudar a visão adaptando os conteúdos e metodologias buscando um ensino dinâmico e inovador, tornando a aula interessante para o aluno.

A compreensão de que as aulas precisam ser significativas para os alunos e que o professor deve buscar métodos inovadores, expressa por alguns professores participantes das pesquisas, parece não ser percebida por todos.

A ideia de que aula interessante pode solucionar problemas da indisciplina é defendida por Vasconcellos (1998). Conforme o autor, o professor deve criar condições de ensino que favoreçam a aprendizagem do aluno, desta forma, evita atos de indisciplina, já que o foco da indisciplina muitas vezes esta associada a ação do professor em sala de aula, uma vez que é ele que arranja as condições de ensino que interferem no ensino do aluno.

Para os entrevistados P4, P7 e P8 a indisciplina escolar pode ser explicada em função das características psicológicas dos alunos, ou seja, “algo que já vem com o individuo”, e não como algo que se desenvolve a partir das experiências existentes em sala de aula devido a isso existe a falta de interesse, de concentração dos alunos, de motivação, as dificuldades em lidar com limite ou regras e carência afetiva dos alunos.

Aos serem consultados sobre quais procedimentos melhor funcionaram para amenizar problema da indisciplina todos responderam que: indisciplina é a diversidade

de atos com que ela se manifesta em sala de aula, assim como dos problemas que cada aluno apresenta. Desse modo, os métodos utilizados com o aluno ou uma turma nem sempre dão certos em outras, a maior parte dos professores, embora tenham afirmado sentir dificuldade em lidar com a indisciplina citou uma diversidade de procedimentos adotados visando solucionar ou amenizar esse problema.

As ações citadas pelos professores foram as seguintes; conversar com o aluno, repreender/ chamar atenção do aluno, gritar com o aluno, ameaçar colocar o aluno para fora da sala de aula, demonstrar amizade para com o aluno, solicitar apoio da direção e dos pais, propor regras, combinados, interromper a aula para que os alunos percebam o problema, demonstrar firmeza e segurança diante o aluno, separar o grupo de alunos indisciplinados, usar avaliação como ameaça ou punição, ser exigente, acompanhar o aluno de perto.

Os professores participantes da pesquisa apontaram a conversa como ação mais utilizada para lidar com a indisciplina.

Segundo Souza (2005), as pesquisas que abordam a indisciplina têm revelado que esse tipo de conversa tem mais um propósito de controle do que promover uma reflexão sobre a situação. Sendo assim essa conversa se insere muito mais um contexto de heteronômica em contribuição para autonomia nas relações.

A origem da indisciplina está não só nos fatores externos na escola mas também na relação pedagógica, o problema será solucionado se os alunos souberem e aprenderem regras e a função de cada uma delas, através de ações mais voltadas a conscientização, ou seja trabalhar as regras, os combinados com os alunos, de forma dialogada e branda demonstrando segurança, firmeza e amizade.

Nem todos os professores, porém, se preocuparam com a conscientizam, afirmam que falam de regras e combinado no início do ano partindo dessa premissa fica a dúvida “Como os alunos vão conhecer e cumprir regras se pouco de fala a respeito delas?”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando o exposto e considerando os resultados da pesquisa realizada, percebe-se que é extremamente importante ao professor ter jogo de cintura buscando

agir com vista a reverter as situações de indisciplina. Conforme Rego (1995, p.98), a questão não é compensar as carências dos alunos, mas sim proporcionar aos alunos acesso as novas informações, oportunidade de experimentar novas experiências e desafios capazes de mudar seu comportamento.

Considerando o exposto, podemos sugerir que a questão da indisciplina pode ser minimizada se o professor desenvolver atitudes diárias simples como: Aulas mais dinâmicas, combinados com o grupo para regras de convívio, envolvimento da família no trabalho escolar, realização de trabalho em grupo, partir do interesse do aluno para trabalhar o conteúdo concretizando o conhecimento e acima de tudo sendo exemplo em cumprir regras.

Dessa forma manter a disciplina em sala de aula é um exercício que requer do professor ao mesmo tempo tão firme de voz e bom senso nas decisões imediatas, tendo em mente que todos têm direito de aprender e para isso, faz-se necessário um ambiente adequado para tal. A sala de aula não é individual e sim coletiva, nesse caso, respeitar o outro e o espaço que utilizamos para esse fim é essencial.

## 5. REFERÊNCIA

\_\_\_\_\_. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento.** In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 47, p. 7-19, dez. 1998.

149

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar.** 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. Revista Faculdade de Educação, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul./dez. 1999.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: Alternativas teórico e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

- ARROYO, Miguel G. Fracasso **escolar: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica**. In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Org.). Para além do fracasso escolar. 3. ed. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-26.
- BOCCHI, Ketney Cristine Bonfogo. **Comportamentos de indisciplina: uma análise de sua ocorrência em sala de aula**. 2002. 187f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BOCCHI, Ketney Cristine Bonfogo. **Indisciplina em sala de aula: posicionamento dos professores e avaliação de uma proposta de formação**. 2007, 200f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em: 19 maio 2008.
- BUENO, José Geraldo Silveira. Educação Especial Brasileira: a integração-segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.
- CHAUI, Marilena. **Convite a filosofia**. 12. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. mento. 1999. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.
- JUSTO, José Sterza; SILVA, Nelson Pedro. **Indisciplina/ disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.23-54
- LA TAILLE, Yves. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sammus, 1996. p.9-23.
- MACHADO, Fernanda dos Santos. **Reflexões sobre a indisciplina escolar**. Revista Científica. FACIMOD– Curitiba/Pr, ano 2, v. 1, n. 3, p. 36-42, jul.-dez. 2007.
- OLIVEIRA, Maria Izete de. Indisciplina escolar: representação social de professores que atuam no ensino fundamental na cidade de Cáceres – MT. 2002. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PEREIRA, Maria José de Moraes. Disciplina-disciplinamento: da vara de marmelo à cadeirinha de pensamento. 2003. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2003.
- PIROLA, Sandra Mara Fulco. **Avaliação de repertórios iniciais de leitura e escrita: análise da aplicação coletiva de um instrumento A formação social da mente**. 6. ed.

São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana.** In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola. 11 . ed. São Paulo: Sannus, 1996. p.101-127.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica.** Campinas: Autores Associados, 2005.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa.** Novos paradigmas/ Içami Tiba.- Ed. Ver. Atual e ampli.- São Paulo: Integrare Editora, 2006.